

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº65 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME V
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

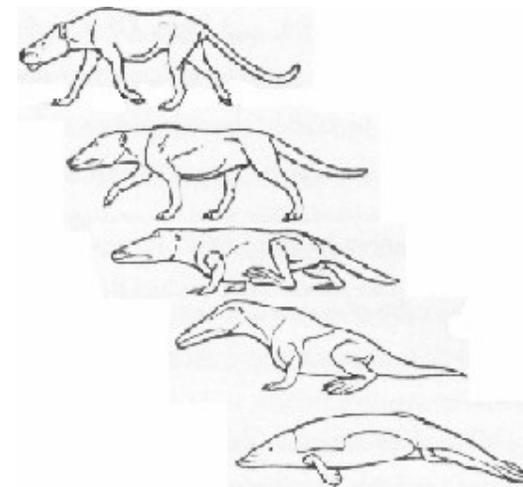
TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa **65**



O HUMANO COMO INSÍGNIA

EDILANIA ARRUDA ROSENDO



Edilania Arruda Rosendo

Aluna do Mestrado em Ciências Humanas - UFRO

e-arruda@ig.com.br

O HUMANO COMO INSÍGNIA

Numa perspectiva foucaultiana, o discurso homem, tecido secular construído no limite imaginário das mais distintas épocas, materialidade que se faz paradoxalmente palpável e intocável, que se crê existente e, em essência, é por toda a sua extensão, personagem na arte da representação.

O descendente genético nasce, perpetuando a espécie, despido da cadeia cultural que, mais tarde, lhe transformará homem/mulher, negro/branco, pobre/rico, magro/gordo dentre outras polaridades e que não cessará de transformar-se, lapidar-se.

Indivíduo histórico que, ao longo de sua invenção social, sofrerá sujeição física, neural e cultural das científicas sínteses, textualmente articuladas, para ordenar sua projetada existência. Modelagem que não aceita resistências para resultar em uma efetiva aceitação coletiva.

No processo de maturidade deste ser vivo perpassa a educação pelos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), que serão friccionados, estimulados a funcionar e a se constituírem em instrumentos de comunicação e compreensões sobre tudo que será gerado, reproduzido, circulado, comercializado, etc.

Gene, que se formatará gente, materialidade de um devir, invólucro de um coexistir. Será um estatuto jurídico, terá um nome, um número e o que lhe virá? que papel ocupará na sociedade civilizada? será um professor? um advogado? um poeta? um internauta? um gari? um marginal? um sonhador? um construtor? um vencedor ou um vencido?

Ser sexuado que será enquadrado, rotulado, carimbado, tachado, fichado, discriminado e em quais redes se embalará? Homo? etero? Bi? Pan? Ou trans? o desafio está posto: sobrepor-se na dor e na delícia de ousar viver o que se deseja chegar a ser. O que se sabe é que desse animal se espera uma conduta contínua e cartesianamente racional: deve crescer, produzir, reproduzir, consumir e partir.

Assim, a vida se fecha em seu círculo. Círculo que se reinicia na fissura dos outros devires, por ser a própria vida natureza e naturalizada na confluência de sua força, no rompante de seus acontecimentos, nas marcas de sua temporalidade, nas margens de sua exclusão. Vida recriada na dinâmica de reelaboração do vivido, mas também no afã de tudo que inspira a vontade de renovação, enxertando com sangue novo o que não passaria de repetição. Mas nesse refazer-se, a ditadura do humano ensinará o nascido a andar, a sofrer, a ler, a comer, a estudar, a sonhar, a reprimir-se, a trabalhar, a obedecer e o conduzirá ao fim último de sua tradição: amar. E amando o futebol, o romance e os ídolos, viverá o delírio de sua fome, que para uns será de comida, de dignidade, de cultura; para outros, além disso, será de carros, de propriedades, de banalidades; para terceiros, de poder, de dinheiro e de mandato.

Envolvido nas alucinantes imagens do sacerdote virtual (TV), será guiado num jogo visual, ao culto único do deus capital que, reconfortantemente, fará tudo lhe parecer redondo e, penetrando nos recônditos de sua consciência, ofertar-lhe-á ares de modernidade, alisando o ego do já tão amansado ser que, sem se reconhecer dominado, não quer, não pode nem lutará por liberdade.

Assim, os ferretes do escravismo neoliberal saíram da tez e desfilam nas vestes que autorizam a circulação, aceitação e identidade social. E vão-se a Nike, a Zoomp, a Microsoft, a Mastercard e tantos outros, ocupando o imaginário e o cartão postal vocabular do corpo e do que se pensa humano. Gostaria de tocar nesta região que se desvela como corpo textualizado, ritualizado de um dentro e de um fora. Um fora que se faz vitrine da nudez suplicante de movimento, posse, consumo. Um corpo que dialoga com um corpus social, que produz e consome, que passivamente se nomina no jogo cultural dos invólucros masculino/feminino.

Um corpo que se genitaliza, nos pacotes moldados do ser homem, que se brutaliza e ser mulher, que se fragiliza; imagens mutuamente naturalizadas na incondicional educação para a diferença, fronteiras do instituído fálico poder (para eles) e subserviência (para elas). E se dialetizam, Id e ego, por entre o liberado e o reprimido, superfície e profundidade; polaridades do humano que se dualizam entre rg's e cpf's despersonalizados entre imposições, proibições e repressões, as quais libertinamente lutam contra o lugar-comum de suas epetições/condenações/punições.

Espectadores de imagens e de sentidos, um rosto, um toque, um poema, uma pluma, outra formatação. Tecido interiorizado, psicologizado. Devir que se cala, inconsciência que se corporifica, coisifica-se. E, no entanto, essa tênue linha de visibilidade o envolve numa rede complexa de incertezas edipianas, jocastianas, cristãs, elementares e culturalmente humanas. Complexos, estresses e divãs, e tudo ou se explica ou se pira - sem nexos a coisa se complica. Hipertexto de consumos: provetas e clones, sumos materialistas. Contradição: contraceptivos e engenharia genética. Tensão: terreno no qual superpopulação se encontra com um vantajoso superfaturamento, variações do mesmo tema.

Compulsões sociais: templo dos *ship's*, fogo eletrônico, internet, globalização, Taylorização, alucinação, games da vida. Homem: elemento cômico, que se verbaliza, em falas autorizadas, verdades consentidas, pré-estabelecidas; identidades divididas: proprietário, intérprete ou apenas artífice no grande palco da representação? vaidades diluídas! Espetáculo que ele, homem, cria e observa, adentra e desvela, esconderijo preciso do ponto cego de sua existência. consciências que se guiam e se vigiam. Vontades reprimidas, loucuras controladas, impulsões governadas e autogovernadas. Jogo de esconde-esconde em que se representa o que não se é muito menos por não saber o que se é do que por saber ser.

Neste fluxo, o elemento homem distancia-se de seu espelho (criador) e na soberba de sua própria criação (cultura), faz-se obra (existir) na textura de suas crenças (enfrentamento), re-tecendo suas experiências (permissão) na ousadia de sua reinvenção (superação). Obra que não vem de parte alguma, senão de um espaço que lhe seria interior, cavidade sombria, sem violações, mas com interdições. Sem nenhum olhar capaz de torná-lo atual, descrito, lido, dito. Resultado de um nada que toca sua profundidade, toca a reduplicação das binômias identidades criatura/criador, esses reversos que não se fixam e instalam-se como mutantes, sem cessar em forma e conteúdo, em formato e formatação.

Homem que no espaço de sua tradição é reverso revestido ou estética serial e faz-se texto primeiro e nada diz do que já foi dito e, por sua vez, é atravessado por todos os dizeres antecessores. Discurso que não faz crer nada além do regime panoptiniano de vigília e punição no qual se encontra imerso. Texto que se ficcionaliza na grade invisível das interioridades, do inapreensível homem que se contenta em enquadrar-se na moldura do que o faz crer-se humano.

BIBLIOGRAFIA

CALDAS, Alberto Lins. **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA: PARA LER A HISTÓRIA ORAL**. Edições Loyola. São Paulo 1998.

FOUCAULT, Michel. **VIGIAR E PUNIR**. 23ª Edição. Vozes Petrópolis. 2000.

_____. **MICROFÍSICA DO PODER**. 15ª Edição. Graal. Rio de Janeiro. 2000.

_____. **A ORDEM DO DISCURSO**. 15ª Edição. Edições Loyola. São Paulo. 1999.

_____. **A PALAVRA E AS COISAS**. 15ª Edição. Edições Loyola. São Paulo. 1999.

WHITAKER, Dulce. **MULHER E HOMEM: O MITO DA DESIGUALDADE**. 8ª Edição. Editora moderna. São Paulo. 1988.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

*a agulha do arranha-céu
riscou
o disco solar*

CARLOS MOREIRA